



## SENADO EM CRISE

Quem deu a ordem? A ex-diretora do Prodasen diz que agiu a mando de Arruda, que representava ACM. Arruda diz que fez apenas uma consulta. ACM diz que não pediu nada. Por isso, os três vão se enfrentar cara a cara

# Três versões para o mesmo caso

Luiz Alberto Weber  
Da equipe do Correio

**N**a próxima quinta-feira, a história contada pela ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges será confrontada com a versão dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem-partido-DF). Divergências fundamentais tornaram pouco críveis as explicações de Antonio Carlos e Arruda na Comissão de Ética do Senado — que investiga a participação de ambos na violação do painel eletrônico na cassação do mandato de Luiz Estevão. Arruda quis convencer a platéia de que não ordenou que fosse extraída uma lista com o voto de cada senador que cassou Estevão. Disse apenas que, em nome de Antonio Carlos, consultou Regina sobre a vulnerabilidade do sistema. O senador baiano nega até mesmo a consulta e diz que, se Arruda o fez, foi sem sua autorização. São versões assentadas na areia. A depender dos depoimentos dos dois senadores, Arruda entrou no gabinete de Antonio Carlos com a lista na mão, o ex-presidente do Senado agarrou o papel, fez comentários e guardou-o. Não teve o menor desejo de

saber como a lista fora produzida nem censurou Arruda ou a funcionária pela violação. As versões de Arruda e do senador baiano foram bombardeadas pelos senadores, que estranharam dois principais pontos:

■ Se não encomendou a violação do painel eletrônico, por que Antonio Carlos ficou imóvel ao receber a lista? E por que não tomou providência administrativa alguma contra Regina Borges?

■ Antonio Carlos alegou que não fez nada com a intenção de preservar a imagem da Casa e impedir que a cassação de Luiz Estevão fosse colocada em risco. Diante disso, os senadores perguntaram a ele por que não tomou providências nos meses seguintes contra a funcionária ou para impedir que algo semelhante voltasse a se repetir. Para os integrantes da Comissão de Ética, o ex-presidente do Senado fez vista grossa demais para quem afirma não ter tido envolvimento pessoal na fraude.

A seguir, estão as versões dos senadores para episódios importantes da trama da violação do painel. Ora o que foi afirmado por eles se aproxima da história contada por Regina. Ora se opõe frontalmente. Os trechos selecionados e aqui expostos são uma prévia da acareação desta semana:

REGINA  
CÉLIA  
BORGES

ANTONIO  
CARLOS  
MAGALHÃES

JOSÉ  
ROBERTO  
ARRUDA



Fotos de Carlos Moura e Jefferson Rudy

## A ORDEM

A ex-diretora do Prodasen diz que foi procurada pelo senador José Roberto Arruda, que pediu a ela — em nome do senador Antonio Carlos Magalhães — a lista com os votos dos senadores que cassaram, no dia 29 de junho, o mandato do senador Luiz Estevão. Depois do encontro ocorrido na casa de Arruda, Regina teria dito, ao sair: “vou cumprir uma missão”. Em seu depoimento na Comissão de Ética do Senado, a funcionária voltou a confirmar o tom de exigência feito pelo senador do DF: “cumpri ordem”.

As versões de Antonio Carlos e Arruda são conflitantes. “Ninguémalaria em meu nome em assunto de tamanha gravidade. E eu jamais me prestaria a fazer um pedido de tal ordem. Não pedi, nem direta nem indiretamente”, disse o ex-presidente do Senado em seu depoimento no Conselho de Ética. “Meu nome foi usado sem meu consentimento e conhecimento”, diz o senador baiano. “Não pedi para saber se o painel era ou não violável”. Para Antonio Carlos, seu nome foi usado para coagir os demais funcionários do Prodasen a fazerem o que Regina Borges — e só ela — desejava. Antonio Carlos afirmou que Arruda não recebeu qualquer incumbência para tratar sobre o painel de votação. “Cabia-lhe (a Regina) não atender à solicitação do senador Arruda porque ela estava quebrando as regras”, disse o ex-presidente do Senado, reconhecendo a gravidade do episódio.

O senador José Roberto Arruda manobra as palavras para dizer que não deu ordens a Regina para que violasse o painel. Arruda diz que fez apenas uma consulta à ex-diretora do Prodasen, num questionamento combinado com o senador Antonio Carlos Magalhães. “O senador (Antonio Carlos) está preocupado em saber se numa votação secreta vocês (funcionários do Prodasen) ficam sabendo o resultado. É isso que ele quer saber. Tem jeito?” Essa consulta, nas palavras de Arruda, teria sido feita com o consentimento de Antonio Carlos. Segundo o depoimento do senador pelo DF, o ex-presidente do Senado teria lhe dito: “Você podia perguntar para a doutora Regina como é que isso (o sistema de votação) funciona. Pergunte a ela se isso é possível, como é que isso funciona”. Arruda disse na Comissão de Ética que pediu autorização a Antonio Carlos para usar seu nome. “Posso consultar a doutora Regina em seu nome?”, teria perguntado Arruda ao então presidente do Senado. “Pode falar com ela em meu nome”, teria respondido o senador baiano. Para o senador do DF, Regina Borges teria se precipitado diante de uma mera consulta e violado o painel.

## O TELEFONEMA

Regina Borges disse que recebeu uma ligação do senador Antonio Carlos, então presidente do Senado, agradecendo-lhe pela lista. O telefonema, de fato, aconteceu e foi feito do gabinete da Presidência. De acordo com Regina, o senador baiano teria lhe dito algo como “valeu” em agradecimento. Antonio Carlos nega que tenha agradecido, mas a versão do senador baiano se contrapõe à de Arruda, que confirma que houve um agradecimento.

Neste caso, a versão de Antonio Carlos é solitária. O senador baiano diz que não ligou para agradecer, mas para tranquilizar a ex-diretora do Prodasen. A ligação, de fato, ocorreu e foi feita do gabinete da Presidência do Senado, então ocupada por Antonio Carlos. “A senhora tem serviços prestados ao Senado, não fique nervosa porque a senhora não deve ter culpa”, disse Antonio Carlos, em depoimento, a respeito do conteúdo da conversa telefônica que manteve com Regina Borges. “Não houve agradecimento”, garante.

Em seu depoimento, Arruda afirmou que Antonio Carlos, instado por ele, ligou para ex-diretora do Prodasen, assim que recebeu a lista, para agradecer. “Recebi, está aqui, você não fez nada de errado. Quer dizer, a segurança está preservada”. Foi este o conteúdo do telefonema do ex-presidente do Senado para Regina, na versão do senador do DF. “No telefonema, (Antonio Carlos) não só reconheceu que recebeu o documento como a parabenizou pela segurança do sistema”, relatou Arruda. “Parabéns”, teria sido, nas lembranças de Arruda, o teor do telefonema de Antonio Carlos para a ex-diretora do Prodasen.

## A LISTA

Uma vez impressa a lista, a ex-diretora do Prodasen entregou-a a Domingos Lamoglia, assessor de Arruda. Segundo ela, tanto Arruda quanto Antonio Carlos sabiam que a lista era produto de uma fraude — a violação do sistema —, e que continha os votos, que deveriam ser secretos, dos senadores que cassaram Luiz Estevão.

Antonio Carlos disse que não havia cabimento em receber a lista com os votos secretos, uma vez que não a havia pedido. “Se não pedi, por que seria entregue a mim?”, pesquisou durante o depoimento. O fato, porém, é que a lista foi realmente entregue a ele. “Era uma lista não oficial, sem qualquer identificação, que poderia até não ser verdadeira”, disse ele a respeito da listagem. Mas, se não tivesse segurança de que se tratava da lista verdadeira (afinal, o senador sabia que o documento entregue a ele pelo então líder do governo, José Roberto Arruda, tinha sido obtido pela ex-diretora do Prodasen), Antonio Carlos não teria ficado com ela.

“Puxa, é assim que as coisas ocorrem?”. Foi essa, segundo Arruda, sua reação quando recebeu a lista com a relação dos votos que cassaram o mandato de Luiz Estevão. Arruda disse, em depoimento, que a reação tanto dele quanto do ex-presidente do Senado fora de curiosidade. Disse que se surpreendeu quando a lista lhe foi entregue.

## DEPOIS DA FRAUDE

A ex-diretora do Prodasen teve dois encontros com o senador Antonio Carlos. Em nenhum momento, diz ela, foi recriminada, censurada ou admoestada pelo senador baiano. Um dos encontros foi na casa de uma secretária do ex-presidente do Senado. O senador diz que, nesse encontro, só falou do assunto painel “de raspão”. Na versão do senador baiano, ele teria se deslocado até a casa de uma secretária sua para falar com Regina sobre uma suposta perseguição aos funcionários do Prodasen (perseguição essa que não tinha relação com a violação do painel). Ou seja, um assunto banal para um ex-presidente do Senado. Entretanto, em seu próprio depoimento, Antonio Carlos disse que só se encontrava com a ex-diretora do Prodasen quando o assunto era sério. “Ela só se reportava a mim quando havia motivos mais graves, mais sérios”, disse ele na Comissão de Ética.

“Por que não tomei providências diante de uma lista conseguida de modo irregular (Antonio Carlos reconhece, nesta passagem, a veracidade da lista, fato que coloca em dúvida sua declaração anterior de que a lista pudesse ser falsa)”. Disse que achou que seria pior para o Senado abrir investigações sobre a fraude no painel. “Isso provocaria dúvidas sobre a lisura de uma votação correta que cassou o mandato de um senador (Luiz Estevão)”, disse. O senador baiano diz que não a parabenizou: “Eu não lhe dei (a Regina) uma palavra de solidariedade”, afirmou. “Dei uma palavra de conforto, mas não de solidariedade”, disse o senador, que, quando pressionado pelos parlamentares da Comissão de Ética por conta de seu comportamento passivo no episódio, acrescenta uma nova versão: “Eu pude fazer alguma admoestação (reprimenda leve), mas não quis demiti-la... Tive que relevar um pouco o erro da dona Regina pela fragilidade da sua saúde”.

Arruda confirma os encontros que manteve com Regina Borges depois da divulgação das primeiras notícias dando conta de que o painel havia sido violado. Mas nega o teor das conversas. Regina disse que ele, Arruda, teria ornado a ela ficar em silêncio “até sob tortura”.